

Antes, o que se colhe dos depoimentos – principalmente do padre Avelino Marques, vigário da Paróquia do Horto, do sr. Geraldo dos Reis Ribeiro – presidente do sindicato dos metalúrgicos de Coronel Fabriciano, do capitão Robson Zamprogno e do Tenente Jurandir Gomes Carvalho – e a presença do sr. Gil Guatimossin no teatro dos acontecimentos, tentando apaziguar os ânimos, evitando maior hostilidades dos policiais, seja libertando operários, arbitrariamente presos, ou impedindo a consumação de violências, providenciando curativos nos feridos, enfrentando a peito aberto e com riscos da própria vida aos mais exaltados, aos quais dava conselhos.

No decorrer do inquérito deveriam ser afastados das funções os elementos sob qualquer acusação.

O acordo previa também a adotar a norma salarial de igual remuneração para funções idênticas: comprometia-se a pagar a diferença correspondente ao acordo salarial; exercer humanamente o controle de saída e entrada dos operadores da usina e, por último, compromete-se a não punir seus empregados que tenham participado direta ou indiretamente do movimento do dia 7 de novembro.

"Mas, como podia-se esperar, o resultado dessa negociação foi jogado por água abaixo. Os operários retornaram pacificamente ao trabalho na expectativa de ser cumprido o acordo firmado na praça do Horto.

Nada do que foi combinado aconteceu. Ficou até hoje a frustração, um eterno sentimento de impunidade.

Manipularam com crueldade as versões: Os operários, de vítimas, em poucos instantes e num passe de manobras passaram a ser réus.

Tomaram-se os únicos culpados pelo massacre. Silêncio total. Medo. Absurdo!

Assim o Governador Magalhães Pinto arquitetava sua parte no movimento reacionário de 64 contra as liberdades democráticas, sufocando os direitos dos trabalhadores.

E o Vale do Aço, tendo como foco central a USIMINAS, apresentava o cenário perfeito para se aplicar o teste do golpe, pois ali estava uma das maiores empresas siderúrgicas brasileiras e o operariado era formado basicamente por jovens.

Além disso, ainda estávamos embrionários na formação de quadros de lideranças e objetivos, e apenas engatinhávamos na convivência trabalhista ou dentro dos sindicatos.

Rapidamente constatamos que estávamos no meio de muitas contradições e incoerências que afloravam e reinavam na convivência diária entre padrões e empregados.

O massacre Da USIMINAS é tido hoje como a "prova" cabal do estilo nazista utilizado por Magalhães Pinto para testar o poder de absorção das represálias e injustiças sociais pela classe operária brasileira.

O que se viu em 7 de outubro foi o linhar de como forjar argumentos para justificar o uso de violência e estabelecer confusão, tendo como cobaias a safra de jovens operários da USIMINAS.

Na seqüência, o inspetor Frederico fatalmente faria mais uma vez o seu papel de brutamontes onde utilizava sua massa bruta pra intimidar a todos. Como um autômato repetiria o ritual de sadismo que sempre apreciava fazer, principalmente quando estava diante de uma platéia de "autoridades" e um prisioneiro indefeso.

Ele se refestelava! Colocou suas pesadas mãos em meu pescoço e em meus punhos algemados e foi me arrastando até o início de uma escada sem iluminação que levava até o porão onde se localizavam as celas. Com as mãos algemadas nas costas não pude tatear na escuridão as laterais da escada.

De repente, senti um violento pontapé na altura da minha espinha e que me empurrou escada abaixo. Dali sai rolando, batendo o rosto nos lances da escada até estatelar no final no subsolo, com dente quebrado e hematomas por todo o corpo.

Com esse ritual tétrico eu acabara de ser batizado na "escada rolante" do DOPS. Todos os presos políticos que por ali passaram fatalmente foram submetidos a esse "divertimento" macabro que arrancava gargalhadas histéricas e até aplausos dos policiais.

Já no subsolo me levaram para a cela n° 7 chamada de "geladeira" que era reservada para a quarentena dos recém chegados "perigosos". A "geladeira" era assim apelidada porque era muito fria e úmida, sombria demais. No teto apenas um fio elétrico sustentava uma boquiilha com uma lâmpada. No alto da cela tinha duas grades que soprava um vento frio. Era mês de outubro e fazia frio à noite, ao contrário de Ipatinga. Num canto havia um pedaço de manilha e uma torneira que serviam de vaso sanitário e de pia. Não tinha colchão e o chão estava molhado.

Mas foi neste ambiente soturno e carregado de maus presságios que recebi uma eufórica estrondosa manifestação de companheirismo e solidariedade. Numra das celas do DOPS estavam vários companheiros presos políticos cumprindo pena: Vicente Gonçalves, o "Vicentão", Raimundo Gi da Silva e Felipe Cupertino - do Movimento de Favelas; Olivaz Catalondi, José Soares dos Santos, Expedito Evangelista e Carício de Oliveira - dos Correios, Aldo José Sagaz - do PCB, Edson Oliveira Fantini - da Corrente. Quando souberam de minha chegada ao DOPS já sabiam que inevitavelmente iria "descer de escada rolante." Para me animar e colocar meu orgulho lá no alto entoaram um sonoro Viva Persichini! Viva Maxi! "Viva Fidel! Viva Guevaral! Abaixo a Ditadura!

E mais uma vez, mesmo com a angústia da incógnita e da dúvida sobre o curso do processo macarthista, me enchi de orgulho e me disse que tinha a certeza de que não iria estar sozinho no desconhecido processo kafkiano.

Eu teria companhia! Bons companheiros!

A partir dali eu me reforceceria com a companhia daqueles presos políticos que tinham o mesmo ideal e sonhos compartilhados, pelo menos em tese, ou na análise emocional daquele primeiro momento dialético e de reflexão.

Eu não tinha mais como mais voltar atrás. Cada fato que se sucedia era uma imbricação que iria se superpondo e me forneceria mais elementos de reflexão. Paradoxalmente, e mais uma vez, a dor física servia de lenitivo para suportar as aguras e as amarguras pelas quais eu estava passando.

É assim que funciona. Você enfriça, mas não embrutece. E seu ideal fortalece! Cansado, sujo e maltrapilho fui despejado naquele cela sinistra, onde vários companheiros "subversivos" teriam sofrido o flogelo da tortura. Ali eu passaria a noite.